

ACTUAL

João Martins Pereira

SARTRE, a minha jangada

EU FIZ 20 anos em 1952. Não-crente já então, se é que o fui alguma vez, eu era a ignorância do mundo, das coisas, das pessoas. Estudava engenharia, afincadamente. Mas desencantadamente. Punham-se-me as questões metafísicas (e físicas) do costume, as ditas "próprias da idade", e outras menos próprias. No meio disto, apenas duas armas, que já deviam vir, como hoje se diz, no meu "código genético": uma enorme curiosidade, uma visceral propensão para o "não-alinhamento". Debicava sem nexos, como qualquer galináceo, nos grãos que, ao acaso das circunstâncias, me vinham cair no minúsculo pedaço em que me movia: livros, filmes (cine-clubes), associação de estudantes, pouco mais. E sem nexos continuei, anos fora, até que, já nem sei como, dei comigo embrenhado no "mundo sartriano".

Mas por formação avesso às altas especulações filosóficas, para mim o mundo sartriano não foi, longe disso, o "L'Être et le Néant", e só mesmo bastante mais tarde foi a "Náusea". Foi o Sartre do "Humanisme", das grandes

polémicas, dos grandes "prefácios" (Nizan, Genet), do "teatro de situação" (sabia quase de cor o "Huis Clos" e a "P... Respectueuse"), do "Mur", de "L'Enfance d'un chef", dos "Chemins de la liberté"; foi a Beauvoir dos romances, da "Sagesse des Nations", e sobretudo da "Morale de l'ambiguïté" e do "Pyrrhus et Cinéas"; foi também via Sartre, o Nizan do "Aden-Arabie" e dos "Chiens de Garde". Daí me veio uma resposta decisiva: "não procurem sem nexos nenhum, não há nexos pré-determinados, tens de ser tu a construir peça a peça o teu nexos". Cada um existe pelo que faz, pelas suas escolhas: é isso que dá um "nexos" ao seu comportamento, que o constitui enquanto ser, enquanto homem. Aquilo que para uns poderá ter sido o desespero face ao "absurdo" da ausência de normas, à contingência de um mundo sem referências sólidas, foi para mim a jangada em que até hoje me mantive à tona. O saber que a aparente segurança com que outros decidiam e agiam em nome de "morais", de "princípios", de "normas", era uma mera ficção en-

cobridora de "má-fé" fundamental, de interesses de classe, de "fraquezas feitas forças" ou de demissões inconscientes, o saber que o importante eram as decisões ou acções em si e não a sua justificação — o saber isso deu-me, a mim, enfim a segurança de quem tem de "se construir" a pulso, sem transigências, sem subterfúgios. Altruismo ou heroísmo, arrependimentos, relações afectivas, empenhamento político — tudo de algum modo se reduzia a escolhas, assumidas ou não como tal, de que cada um é totalmente responsável, de que não tem de dar justificações, mas através das quais se expõe e se define perante os "outros".

Sartre poupou-me o psicanalista e a militância partidária.

Enfim três citações, das muitas que "abalaram o (meu) mundo":

"(Durante a guerra) um dos meus alunos veio procurar-me: o pai rompera com a mãe, e de resto tendia a colaborar (com os alemães), o irmão mais velho fora morto na ofensiva alemã de 1940, e este jovem, com sentimentos um pouco

primitivos mas generosos, desejava vingar-se. A mãe vivia só com ele, muito amargurada pela semitração do marido e pela morte do filho, e só nele achava consolação. Nesse momento, aquele jovem tinha à escolha partir para Inglaterra e alistar-se nas Forças Francesas Livres — isto é, abandonar a mãe — ou ficar junto da mãe e ajudá-la a viver. (...) Por consequência, encontrava-se face a dois tipos de acções muito distintas: uma concreta, imediata, mas dirigida a um só indivíduo; outra dirigida a um conjunto muito mais vasto, uma colectividade nacional, mas por isso mesmo ambígua, e que se arriscava a ser interrompida a meio. E ao mesmo tempo hesitava entre dois tipos de moral. Por um lado uma moral da simpatia da dedicação individual, e por outro uma moral mais larga, mas dum eficácia mais contestável. Quem o podia ajudar a decidir? (...) (p. ex.) eu só posso dizer "gosto o bastante para ficar junto dela", se fiquei junto dela. Não posso determinar o valor desse afecto a não ser que, precisamente, tenha praticado um acto que o confirme e o defina. Ora, como



Sartre poupou-me o psicanalista e a militância partidária.

peço a esse afecto que justifique o meu acto, sou arrastado num círculo vicioso. (...) Não posso buscar em mim o estado autêntico que me levará a agir, nem pedir a uma moral os conceitos que me permitam agir. De qualquer modo, dir-me-ão, ele foi ver um professor para lhe pedir conselho (...). [Mas] escolher um conselheiro, já é "empenharmo-nos" nós-mesmos. (...) Vindo procurar-me, ele sabia a resposta que eu lhe ia dar, e eu não tinha outra: você é livre, escolha, isto é, invente".

(Sartre, in "L'existencialisme est un humanisme"). "Conheci uma criança que chorava porque o filho da sua porteira tinha morrido; os pais deixaram-no chorar, até que se agastaram. "Apesar de tudo, esse miúdo não era teu irmão". A criança limpou as lágrimas.

Mas aquele era um perigoso ensinamento. Inútil chorar por um miúdo estranho: seja. Mas porque chorar pelo seu irmão? (...) "Esse miúdo não é meu irmão". Mas se eu choro por ele, é porque não me é estranho. São as minhas lágrimas que decidem. Nada está decidido antes de mim".

(Simone de Beauvoir, in "Pyrrhus et Cinéas"). Por último esta outra, que me restitui ao início deste texto (e que toda uma geração aprendeu de cor):

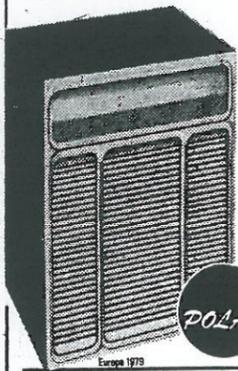
"Eu tinha vinte anos. Não deixarei ninguém dizer que é a idade mais bela da vida.

"Tudo ameaça de ruína um jovem: o amor, as ideias, a perda da família, a entrada no mundo dos grandes. É duro aprender a nossa parte no mundo".

(Paul Nizan, in "Aden-Arabie") J.M.P.

Expresso Imobiliário
Tel. 572569

Desumidificadores



Concebidos para a protecção contra os fungos, oxidações e maus cheiros, os Desumidificadores Polar são equipados de forma a proteger o ambiente e a suprir a humidade. Indicados para Tipografias, Laboratórios, Comércio, Indústria em geral, e também para habitações onde predomine o excesso de humidade.

- PORTÁTIL
- SILENCIOSO

Peça-nos uma consulta

REFRIGERAÇÃO
POLAR, LDA.

Av. Almirante Reis, 94 C - 1100 LISBOA
Telef. 82 33 60 - 82 33 66/7/8

EQUIPADO COM O SISTEMA "HUMIDOSTATO"

ESCOLA ALEMÃ DE LISBOA

Av. General Norton de Matos — 1699 Lisboa Codex

Telefones 79 14 01 — 79 14 33

No ano lectivo de 1980/81 a Escola Alemã de Lisboa admite no seu

JARDIM DE INFÂNCIA

Crianças que completem, até 31.12.80, 4 ou 5 anos de idade e falem português como língua materna.

Embora seguindo os princípios pedagógicos do Jardim de Infância alemão, haverá um grupo de língua portuguesa para crianças que não possuam conhecimentos de alemão, não sendo, neste grupo, leccionada essa língua.

Crianças que tenham bons conhecimentos de alemão serão admitidos num grupo alemão, onde ampliarão os seus conhecimentos do idioma.

O Jardim de Infância da Escola Alemã de Lisboa dispõe de instalações modernas e amplas, nele trabalhando um grupo de educadoras e assistentes com grande experiência profissional.

Jorge Listopad

O teatral e o não teatral de SARTRE

"... EH BIEN, de toute façon, je vais mourir dans cinq ans aumaximum — en fait je pense dix ans, mais ça pourrait bien être cinq. En tout cas, le monde semble laid, mauvais et sans espoir. Ça, c'est le désespoir tranquille d'un vieux qui mourra là-dedans. Mais justement, je résiste et je sais que je mourrai dans l'espoir."

Jean - Paul Sartre/1980

Escrevo, é meia-noite de quarta para quinta-feira, escrevo num prédio banal, no 2.º andar, algures perto de Lisboa. Aposto que as janelas de outro 2.º andar, na Praça St. Germain, por cima do Café Bonaparte (já fechado), estão escuras. Antigamente, à meia-noite havia luz que perpassava os cortinados pequeno-burgueses, e quem estava atento, podia ver movimentar-se sombras; e ainda há pouco, passava lá a sombra de outras sombras, o cego Jean-Paul Sartre. Único, último lugar onde estava seguro. Conhecia as cadeiras, o sofá cansado e queimado das pontas de cigarros, a medida da mesa abandonada. A geografia estreitou-se. Até à sua abolição.

É meia-noite, escrevo algures perto de Lisboa sobre o teatro de Sartre, mas é possível

escrever apenas sobre o teatro? E talvez, neste momento preciso, noutros 2.ºs andares outros escrevam, movidos por obrigação cultural, por dedicação pedagógica, pelo respeito ou recusa do pai, ou ainda, simplesmente, porque estão tristes: o que é o meu caso. Eu, não incondicional de Sartre, incondicionalmente triste. Em todo o caso, somos os gatos-pingados do homem que tanto escrevia no 2.º andar, mas que achava que "as palavras nunca deveriam olhar para trás, como Orfeu, sob o perigo de perderem o jogo".

Há qualquer coisa de teatral, bem sei, nesta ideia: nos 2.ºs andares em vários pontos do mundo, cria-se um espaço que converge para um 2.º andar de Paris, ele agora cego. Um vasto cenário póstumo. Porém, não sei se Sartre o apreciaria. Gostava de teatro, contudo não como espaço de imagem e de espelhos. Era dramaturgo como o fora Platão. Dramaturgo pela palavra só, e só pela palavra.

Com Sartre, pela primeira vez depois de Racine, a linguagem retoma o poder encantatório e operacional, o seu valor instrumental. A palavra é o acto; é a consciência do possível, é a ratoeira onde se apanha a existência. A palavra é Hamlet que encena a cilada da consciência do rei; é a mola trágica da pura articulação do verbo exacto com



Escrevo dum 2.º andar qualquer sobre esse 2.º andar onde Sartre inventava o teatro do mundo vivo.

outro verso exacto, no momento exacto. Discurso.

Nas peças de Sartre nada acontece, ou só raramente, algo, para ser visto. As suas tragédias são verbais. Como em Genet, o seu protegido. Mas há diferenças: que Sartre, porque sabe, escreve como filósofo e é obrigado a inventar (o que pouco se sabe) um Genet para poder escrever como poeta, por pessoa interposta. O teatro para Sartre é a rigorosa investigação sobre o imaginário teatral que contesta a realidade contestando-se a si próprio em nome da realidade. Numa palavra: uma provocação contra tudo e contra todos, usando do prestígio do teatro e ao mesmo tempo denunciando os recursos desse prestígio.

A palavra teatral é terror: tal como a liberdade, na boca de

Mathieu nos "Caminhos da Liberdade". Porém, o próprio Sartre é apanhado como um rato. Dupla ratoeira: aquela que arma para os seus heróis, aquela outra onde o experimenter é apanhado pelo experimento de pôr na boca dos outros o aproximar dos tempos em que nos juntaremos à História. Sartre, o incondicional dela.

Passou já a meia-noite, escrevo dum 2.º andar qualquer sobre esse 2.º andar onde Sartre inventava o teatro do mundo vivo, movido, emprestando-lhe os corpos, uns após outros, e deixando-os amadurecer para a morte que sempre segue, individualista.

A aventura acabou. E a História? Os que ficam nos 2.ºs andares não sabem.

J.L.